

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 42—Lisboa

TERCEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 1906

NUMERO 117



INDIA PORTUGUEZA—Uma cascata entre Coem e Dudsagor, nas Novas Conquistas, commando militar de Salsete

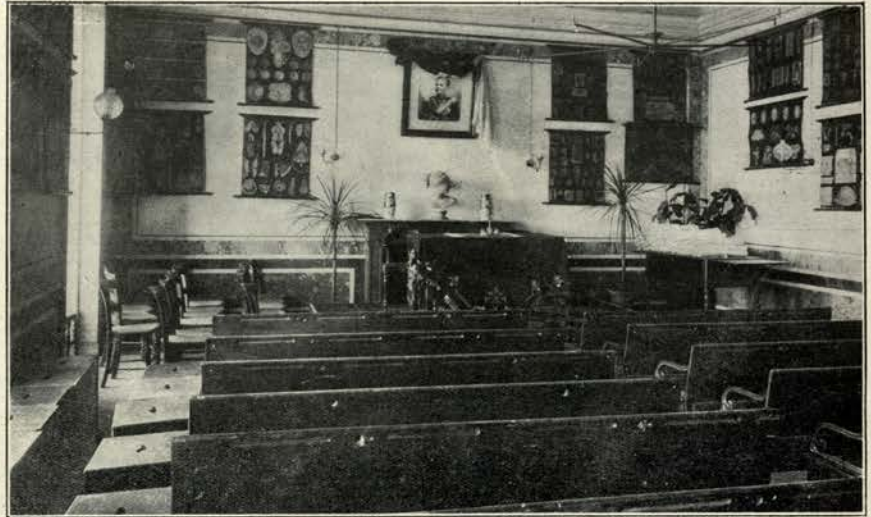
Chronica

A policia

Esta semana esteve em foco a classe que, por to: dos os motivos, deve ser a que dê menos nas vistas a policia secreta!

A missão d'essa policia é a de passar rente de todos os casos e de todos os homens como passam os fluidos e esses seres que, segundo Charles Nodier, existem em cada atomo, é a de ser breve como um sopro ou como uma pequenina nuvem de fumo. O policia deve ter o condão d'escutar sem que o escutem, de vêr sem que o vejam, de saber tudo dos outros sem que saibam consa alguma d'elle, deve calçar-se de algodão em rama e apresentar um rosto cheio de suavidade, de maneira que possa escutar ás portas sem que o sintam e que quando por acaso o apanhem n'essa posição e ávido de saber, o tomem, por exemplo, pelo Anjo da Guarda. O policia, porém, não tem nada d'isto, mas, em troca, tem outras cousas: grandes bigodes e maiores bengalões.

Parece que quando da Mãe Natureza sahiram os animaes que podem prejudicar o homem, ella lhes



A sala das sessões na Escola Industrial Principe Real



A escadaria da Escola Industrial Principe Real

deu desde logo alguma cousa que os marcaisse, que fosse, para nós outros, como um aviso o como uma defeza, e assim deu ao lobo os olhos que scintillam no escuro, á hyena o berro estridente que a revela, á serpente o rastejar que nos acorda e ao policia essa bengala maxima e esse bigode sem igual e que nolo accusa.

Foi assim que o vimos no comicio e nas ruas seguindo diversos politicos e que outras pessoas o viram nas casas de jogo e n'um ferro velho em busca de varios papeis denunciados como compromettedores, foi assim que elle se poz em foco, que appareceu, que actou e que julgou sumir-se, mas ficando, na realidade, bem patente, bem claro, bem á vista.

As casas de jogo foram assaltadas depois de terem sido toleradas muito tempo, o que parece indicar ou que o governo vae cair ou que já arranjou forma de fazer vingar o contracto dos tabacos sem ter que contentar toda a gente mesmo aquella que vive do vicio. O expediente de que lançou mão ha muito foi o das promessas, depois, como já o não acreditassem, foi o das concessões dentro e fóra da lei, o das tolerancias e o das bondades.

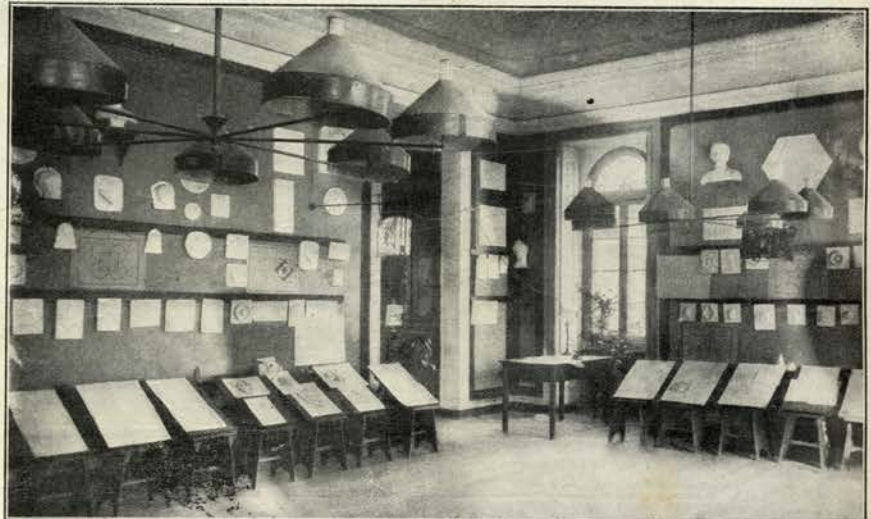
De repente, porém, pára com tudo isso como a demonstrar que já não carece de cousa alguma, começa a ter o ar ou d'um velhaquete que á hora da morte se arrepende e quer passar para melhor vida com a fama que lhe ficasse do seu ultimo acto, ou,

então, como um sujeito que chega ao ponto de dispensar as cumplicidades. Foi por uma d'estas cousas que elle ordenou o assalto ás casas de jogo, até ha pouco bem patentes a fazerem desgraças, e que transformou o juizo d'instrucção n'uma especie de loja de ferro velho.

O mobiliario das batotas, as roletas, as mezas de panno verde, os baralhos, tudo isso foi levado n'um grande rompante para a Estrella, onde tambem entraram os taes papeis de que tanto se falou.

Nos dominios da policia, como se vê, cahiram esses moveis que nas bancas escutaram as imprecacões e deante dos quaes houve muitos desesperos e esses documentos sahidos d'uma secretaria d'estado, talvez dentro d'uma pasta de ministro e deante dos quaes tambem, talvez, se desencadeassem muitas ambições, porque certa politica é tambem como um jogo, e a policia assim o parece ter entendido ao arrumar no juizo d'instrucção as velhas mezas de panno verde e os velhos papeis d'um fallecido estadista como a imanal-os, a ligal-os, a dizer que valm o mesmo porque do mesmo modo os apprehendeu. Essa policia que assim se poz em foco, essa apparição banal tem, ás vezes, singulares formas de fazer definições!

ROCHA MARTINS.

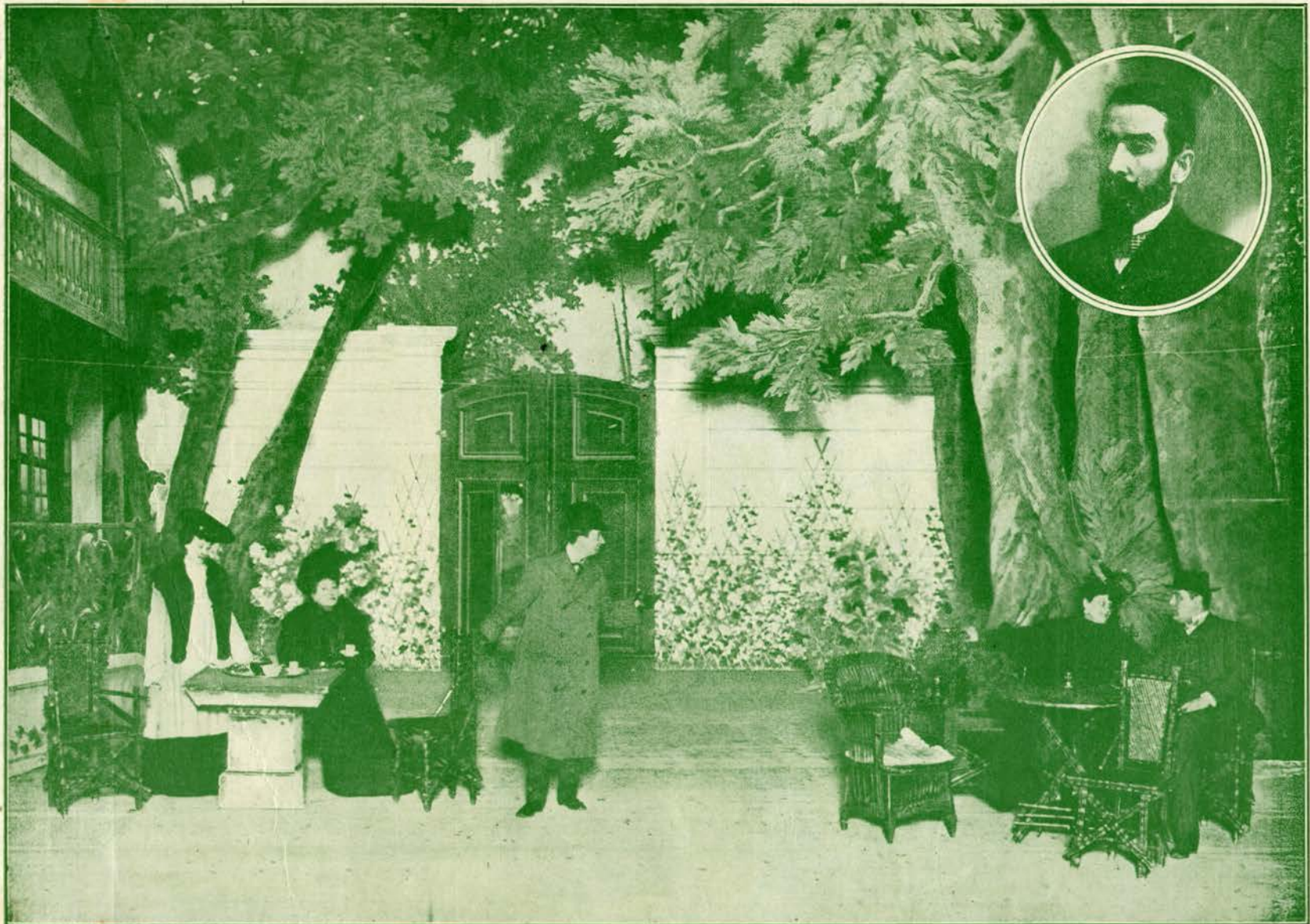


A aula de desenho da Escola Industrial Principe Real



OS INTERPRETES DA DAMNATION DE FAUST NO REAL THEATRO DE S. CARLOS COM O MAESTRO MANCINELLI E O EMPREZARIO PACCINI

O barytono Renaud, *Mephistopheles*—Sr.^a Lucaceska, *Marguerite*—O baixo Brondi, *Brander*—O maestro Luis Mancinelli director da orchestra—Hector Berlioz, auctor da Opera—O tenor Krizmer, *Fausto*—Sr. José Paccini, empresario de Real Theatre de S. Carlos



Luz Veloso *Clotilde*
 Carolina Falco *Brevida*

A scena final do 2.º acto
 Luiz Pinto *Filippe*

Angela Pinto *Maxima*
 Affonso Gayo *Fernando Maia*
 Jose de Padua

A REPRESENTAÇÃO DA PEÇA MAXIMA, ORIGINAL DE AFFONSO GAYO, NO THEATRO D. MARIA II EM 26 DE JANEIRO

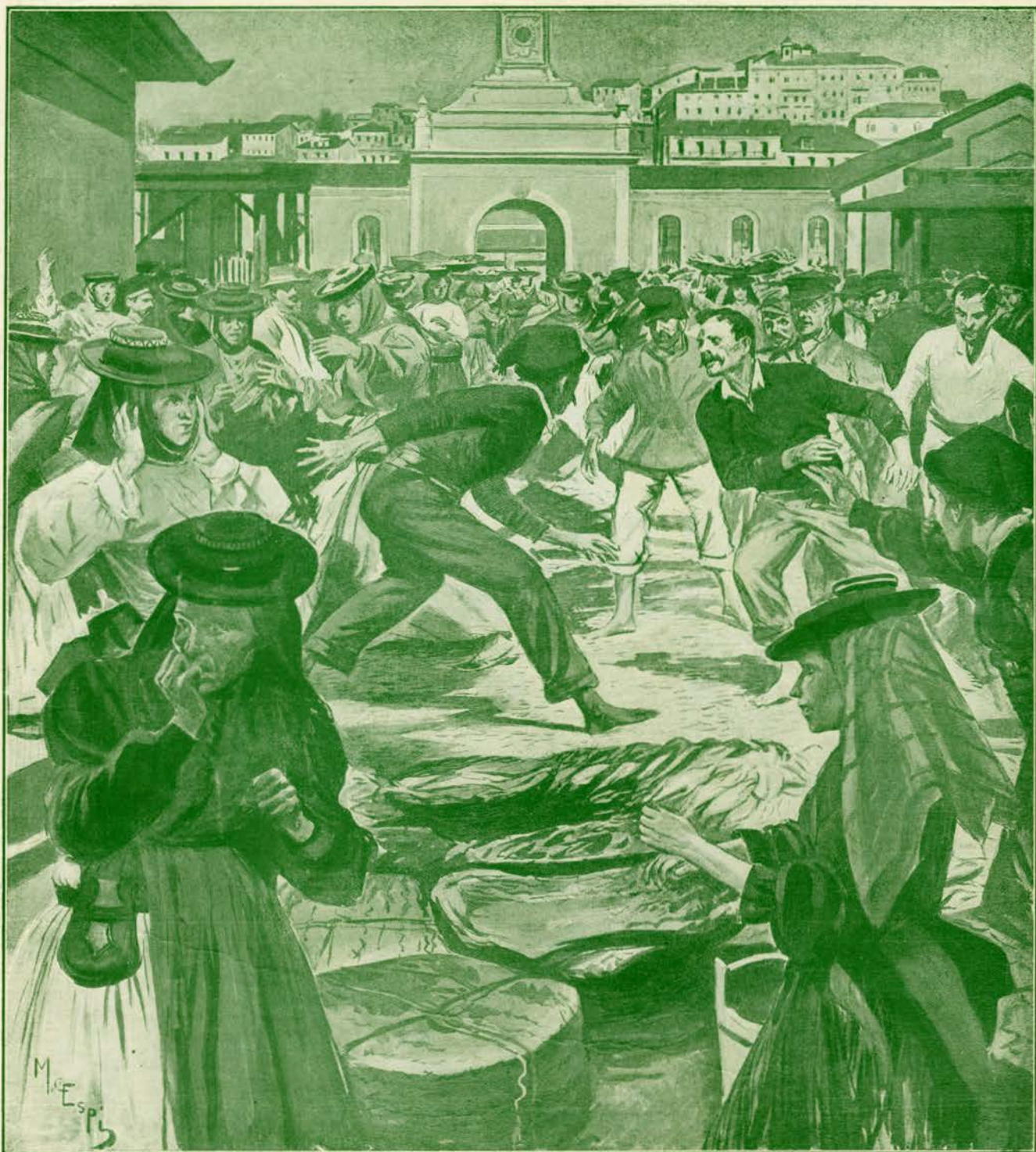
Havia um grande interesse em assistir á representação d'esta peça que dera motivo a uma questão entre a gerencia do theatro D. Maria e o commissario regio, sr. Alberto Pimental, que pediu agora a sua demissão.

A peça trata o caso dos paes que abandonam os filhos e que mais tarde julgam ter direitos sobre elles e é bem conduzida, tem um seguimento logico, chega por vezes a effeitos imprevistos, a situações que fazem agradar esse drama moderno. O desempenho

foi correcto, Fernando Maia sobre todos destacoen como de resto era de esperar n'esse papel bem do seu genero.

Angela Pinto a quem foi incumbido o papel da protagonista, essa Maxima nobre e altiva, achou com todos

os seus recursos uma singular criação. Augusto de Mello sempre o mesmo habil *diseur*, Luiz Pinto muito bem e o resto dos artistas nos papeis secundarios da peça fizeram todos os esforços para a aguentarem com o brilho que lhe é devido.



NO MERCADO DE PEIXE DA RIBEIRA NOVA—Um conflicto entre os vendedores e os encarregados das vendas em 19 de Janeiro

Os peixeiros que fazem as vendas pelas tuas e no mercado Insurgiram-se contra os encarregados das transacções em virtude d'elles quererem estabelecer um monopolio que não só prejudicava aquelles mas tambem o publico. Desde que os vapores Inglozes começaram a fazer a pesca, o preço do peixe baixou e os leilões fazem-se d'outra maneira. Antigamente valorisava-se o peixe n'uma quantia minima que ia subindo, havendo então uns negociantes que o arrematavam aos lotes e

depois o vendiam a retalho aos peixeiros; agora porém essa arrematação é feita d'outro modo e que permite ao vendedor ambulante e ao que tem logar no mercado transaccionar directamente com o leiloeiro. O peixe é valorisado n'um preço maximo e vai descendo successivamente, podendo assim ser arrematado pelos vendedores sem a interferencia dos negociantes por grosso. Estes porém conseguiram que o leiloeiro não vendesse peixe aos peixeiros sem ser por seu intermedio o que

den em resultado os pequenos vendedores se insurgirem e armados com as suas facas procurarem matar os negociantes, que se recolheram n'uma barraca onde a policia os defendeu contra os que se sentiam lesados.

As vendas voltaram a fazer-se como até então, visto as autoridades ordenarem ao leiloeiro que vendesse o peixe a quem o quizesse comprar.



A REPRESENTAÇÃO DA DAMNATION DE FAUST. NO THEATRO DE S. CARLOS—A scena final do I. acto

A *Damnation de Faust* foi o grande successo da semana; impoz-se realmente á plateia exigente do Real Theatro de S. Carlos. O auctor d'essa musica extranha é Berlioz, um temperamento doentio, com todas as revelações extranhas que marcam o genio. No seu tempo como a maioria dos artistas maximos foi um in-

comprehendido e isso excitou-lhe mais o nervosismo e levou-o a pôr-se em lucta com todos os compositores da sua época. Para o *D. João* de Mozart foi insultuoso e disse ter pena de não poder fazer voar o Theatro Italiano quando o publico de Paris ali applaudia Rossini no *Othello* e no *Barbeiro de Sevilha*. O *Elixir d'amor* de

Donnizetti foi tratado por elle de composição mesquinha e a obra de Bellini *Romeu e Julieta* tão cheia de harmonia e de sentimento foi alchinhada de produção d'um bobo. A sua excitação, a sua extranha organização, o desdem com que foi tratado e a guerra com que responderam á sua guerra deram essa obra prima da

qual elle escrevia em 1862, dirigindo-se ao filho: Que esta obra te recorde a aspereza da minha carreira e te façam parecer mais supportaveis as difficuldades da tua. A hora da morte, Berlioz, bradou: Irá agora executar-se a minha musica! Com effeito ella executou-se e com o successo mais brilhante e mais extraordinario.



A officialidade do cruzador S. Gabriel que foi á India por occasiãoda recente visita dos principes de Galles

Primeiro plano: Aspirante de 1.ª classe da administração naval Marianno Martins e aspirante machinista Moreira da Fonseca—Segundo plano: 2.ª tenente Soares—Medico de 1.ª classe Antonio Augusto Fernandes—Commandante capitão de fragata Fontes Pereira de Mello—Commandante do detachamento, capitão de mar e guerra Alcega Branco—Capitão tenente Emilio Gagean—Machinista de 1.ª classe Francisco Sequeira—Terceiro plano: Machinista de 1.ª classe Malhó—Guarda marinha Sebastião Dias—Commissario Gomez—Guarda marinha Machado—Machinista de 3.ª classe Costa—Machinista de 2.ª classe Vieira—2.ª tenente Alcares da Silva—Machinista de 3.ª classe Antonio de Carvalho—Quarto plano: 2.ª tenentes Brito e Abreu e Pedroso de Lima.



As maquettes que foram classificadas em primeiro lugar no concurso das imagens destinadas ao templo da Immaculada Conceição

Nossa Senhora do Bom Conselho, trabalho do sr. Anjos Teixeira—Nossa Senhora do Rosário, trabalho do sr. Moreira Rato—Nossa Senhora das Dóres, trabalho do sr. Francisco Santos—Nossa Senhora do Sagrado Coração, trabalho do sr. Anjos Teixeira—Nossa Senhora do Carmo, trabalho do sr. Costa Motta (sobrinho).



OS TUMULTOS NO FUNCHAL - Um ataque ao Lazareto onde foram tirados dois soldados de infantaria 27

O povo do Funchal, sempre insatisfeito contra as medidas sanitarias tomadas na cidade onde se julga existir a peste bubonica, invadiu em 7 de janeiro o Lazareto de Gonçalo Ayres e arrancou do leito dois soldados

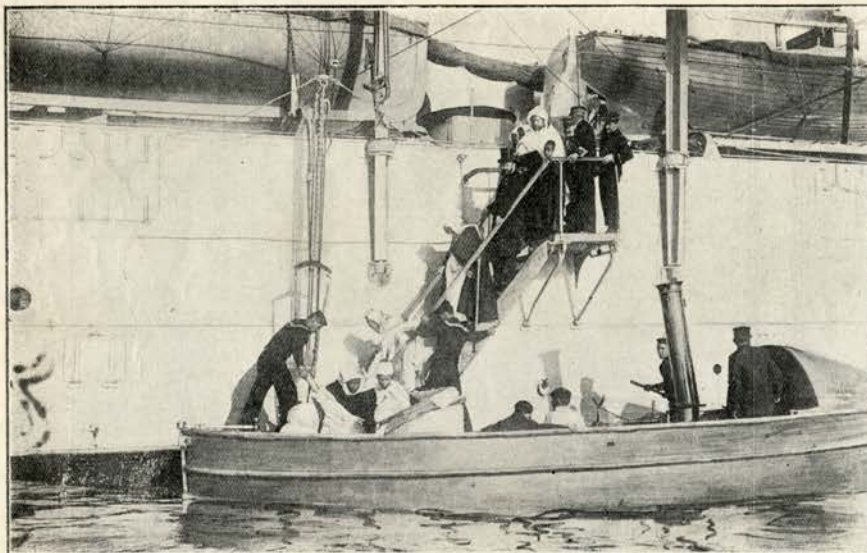
de infantaria 27 que ali se encontravam em observação, trazendo-os para a rua em triunfo entre um grande clamor, ouvindo-se os gritos de: Abaixo o Lazareto! O povo era acompanhado por umas sessenta praças do re-

gimento a que os soldados internados no hospital pertencem e que se tinham reunido no campo de D. Carlos I, no intuito de invadirem o Lazareto. A multidão revoltada destruiu o mobiliario enquanto

doentes eram transportados para a rua por outro grupo entusiasmado. O pessoal do Lazareto fugiu espavorido refugiando-se alguns dos empregados nas escarpas vizinhas, sendo muito maltratado o sr. Manuel Balbi-

no Rêgo, almoxarife do estabelecimento. Os soldados seguidos por mais de cinco mil pessoas levaram os seus camaradas até ao quartel no meio do entusiasmo da população; de todas as janelas se soltavam vitras e se

aplanava e procedendo da multidão e dos militares. No dia 19 do corrente foi perseguido pelo povo o sr. dr. Rêgo, que teve de se refugiar a bordo do cruzador D. Gil, que saiu para o mar.



Desembarque dos embaixadores marroquinos



A embaixada portuguesa—Dr. Armando Navarro—Conde de Tovar de Lemos—Sr. Alfredo Casanova—
Conde de Martens Ferrão—Sr. Martinho de Brederode

A CONFERENCIA DE ALGECIRAS



A policia no comicio



O sr. visconde da Ribeira Brava orando—Sr. dr. Cassiano Neves fazendo o seu discurso



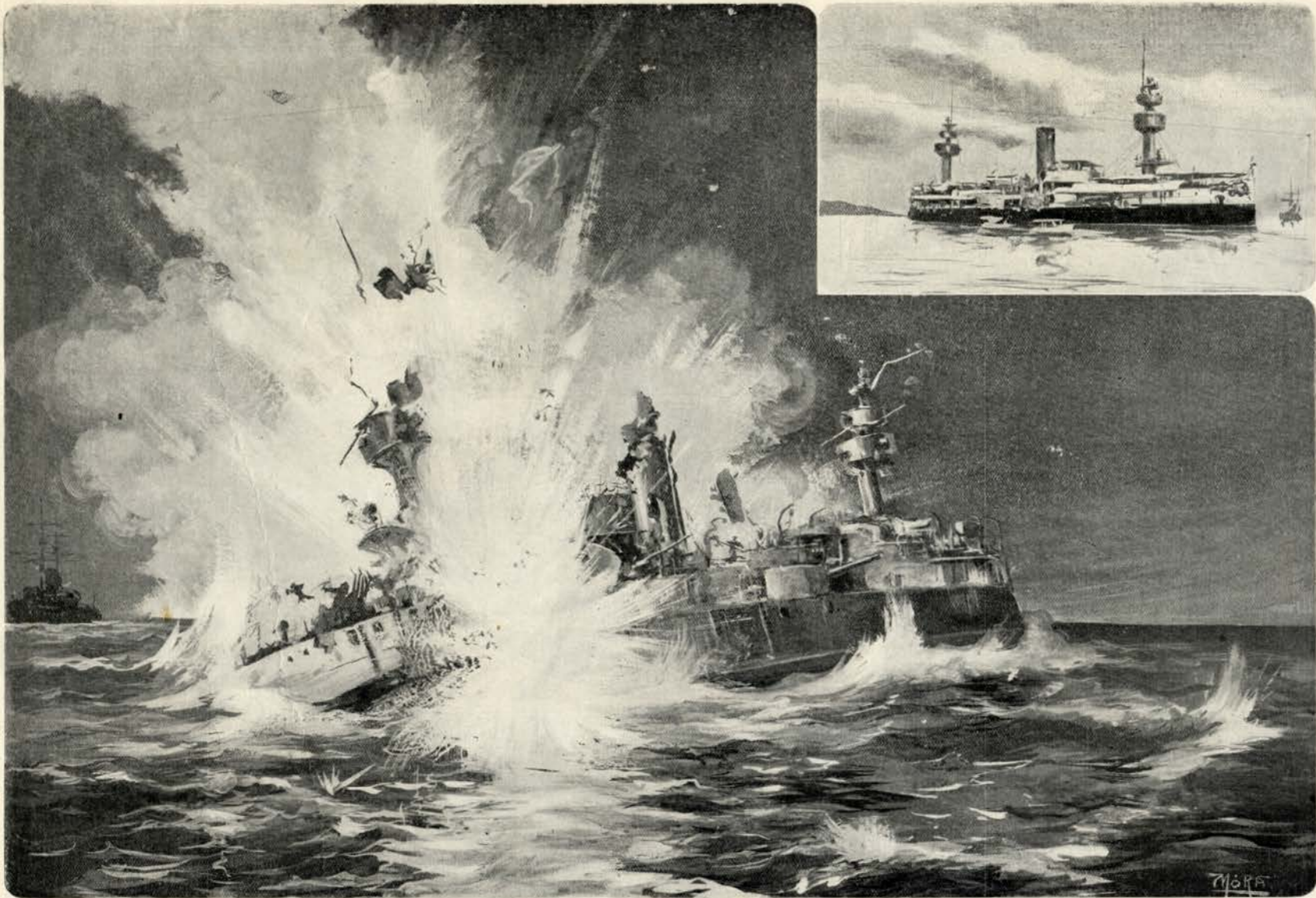
Um aspecto do comicio

O comicio contra o contracto dos tabacos promovido pelos deputados dissidentes e realizado em domingo 21 de janeiro na rua de Santha Martha



MERCADO DA RIBEIRA NOVA ONDE HOUE TUMULTOS EM 19 DE JANEIRO — Diversos aspectos

Os licitadores de peixe — Transporte de peixe de casa para o mercado — Vendedoras de peixe — A carroça do peixe em mau estado — O carrete do peixe — A divisão do peixe no caes — A policia no mercado
em aspecto do mercado — Antes da licitação



A EXPLOSAO A BORDO DO COURACADO BRAZILEIRO -AQUIDABAN- NA ENSEADA DE JUCUENCANGA, PERTO DA ANGRA DOS REIS, EM 21 DE JANEIRO - O Aquidaban-

Os cruzadores *Almirante Barroso* e *Tiradentes* e o couraçado *Aquidaban* estavam na enseada de Jucucanga, perto da Angra dos Reis, tendo conduzido a missão encarregada de estudar o local para o porto militar e novo Arsenal de Marinha. Esta comissão era composta por officiaes superiores da armada e o proprio ministro da marinha, vice-almirante Noronha, estava a bordo do *Almirante Barroso*. O *Aquidaban* servia de dormitório a muitos officiaes superiores e entre elles os almi-

rantes Rodrigo Rocha, Candido Brazil, Calheiros da Graça, capitão de mar e guerra Alves de Barros, dois capitães de corveta, capitão Santos Porto, sub-chefe da casa militar do presidente da republica, Ribeiro da Silva, lente da Escola Naval, o commandante do navio capitão de fragata Serra Pinto, o immediato, capitão de corveta Luiz de Noronha, doze 2.º tenentes e guardas marinhas, oito officiaes machinistas e doze ajudantes e praticantes de machinas, sendo de 400 homens toda a tri-

pulação, dos quaes pereceram com os officiaes acima citados 223, isto em virtude da explosão do paiol do couraçado, pelas 10 horas e meia da noite. De bordo dos outros navios não puderam fazer mais do que a salvação dos que por um milagre não foram mortos pela explosão e que andavam nadando desesperadamente, estando entre elles alguns gravemente feridos que foram recolhidos ao cabo de muitos esforços. O couraçado submergiu-se em cinco minutos. Foram ordenadas exe-

quias nacionaes. O Brazil está de luto e nós, portuguezes, estamos com elle d'alma e coração na sua dor como costumamos estar nas suas alogrias. O *Aquidaban* foi construido em 1882 pela casa Brothers de Londres e tinha as seguintes dimensões: comprimento 250 pés, bocca 52, pontal 27 com deslocamento de 5300 toneladas. Custara 345000 libras esterlinas e foi o navio a bordo do qual Custodio de Mello commandou a insurreição no tempo do governo de Floriano Peixoto.



Vice-almirante J. C. Noronha, ministro da marinha que presenciou a catastrophe de bordo do cruzador «Almirante Barroso»



Contra-almirante Calheiros da Graça, uma das victimas

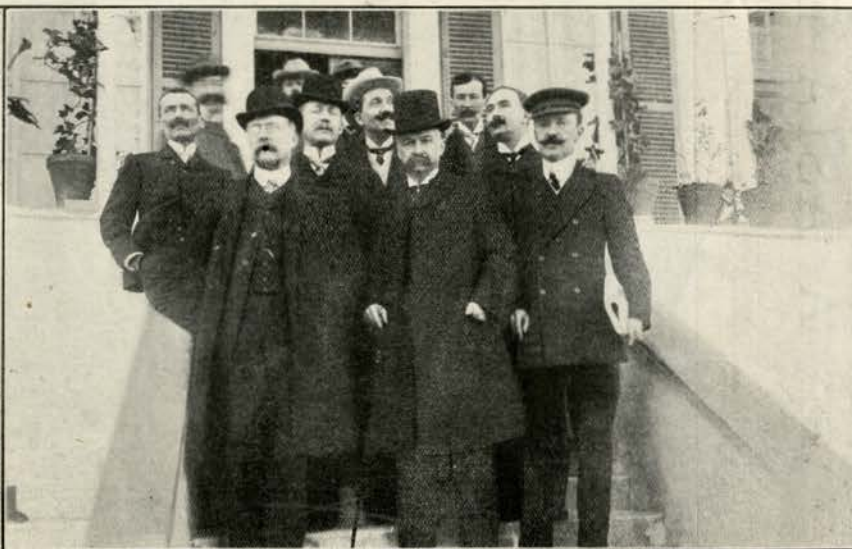


Capitão de fragata Arthur de Serra Pinto, commandante do «Aquidaban» e uma das victimas da catastrophe

A EXPLOSAO A BORDO DO AQUIDABAN—O ministro da marinha do Brazil e algumas das victimas da catastrophe



A CONFERENCIA DE ALGECIRAS—A missão alemã, estando ao centro seu chefe, mr. Radowitz, entre o sr. conde e a sr.^a condessa de Tattenbach



A CONFERENCIA DE ALGECIRAS—A missão franceza, estando ao centro o seu chefe, mr. Revoil

(Cliché Benoit)

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

POR FÉLI-BRUGIERE E LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES



A PORTA DO PEQUENO SALÃO, ABERTA BRUSCAMENTE EMOLDURAVA A FIGURA ELEGANTE DO COMMANDANTE

—Quanto eu desejaria que assim fosse, senhora! Mas talvez seja mais prudente não o esperar muito. E, sem dúvida, algum amador de aerostatos, possuidor de um, que faz experiências a seu modo.

—Onde está elle?

—Ignoro-o, Carlota: o jornal só diz que, apenas desceu do aerostato, o francez, entregando o balão ao cuidado dos seus companheiros, manifestou o desejo de sahir d'essa turba, que quasi o abafava com a sua impaciente curiosidade, para se dirigir ao ministerio da marinha.

—Da marinha?

—Agentes misturados com os curiosos conseguiram abrir-lhe passagem; pouco depois estava elle na rua Royale... e mais não diz o jornal, porque no momento em que sahia essa folha volante, o extranho viajante ainda não sahira do ministerio. Mas vamos ver certamente de hora em hora novas edições dos jornaes, que hão de adiantar mais alguma cousa. Eu proprio irei procurar informações.

—Oh! sim!

—Mas, antes do tudo, eu fazia gosto em vos trazer esta primeira tiragem, em que achareis...

Um demorado retintim da campainha electrica da grade do palacio cortou a phrase de Roberto.

dos, que respondiam a esse chamamento apressado. Quem poderia tocar com essa impertinente insistencia? Talvez o almirante Videau? Mas que seria?

A campainha cessou de tocar, e logo soaram exclamações de surpresa e de alegria. Ouvia-se: 'Ah! senhor! Depressa, Clemencia!' e a senhora Mérande cahiu na cadeira, onde se sentara um momento antes levando as mãos ao peito para comprimir as pulsações, enquanto Carlota exclamava:

—Oh! meu Deus! esta voz!...

Mas já a porta do pequeno salão, aberta bruscamente, emoldurava a figura elegante de commandante Paulo Mérande.

Sentindo seu filho beijala, e as suas mãos inertes aquecidas ao estreito contacto do que voltava e das de sua filha, a senhora Mérande, que ia perdendo os sentidos, tornou a si.

Carlota ria e chorava ao mesmo tempo. Roberto Dubarral algum tanto afastado, voltava-se para disfarçar a commoção profunda, que elle proprio experimentava. —Sim, mãe, sou eu, sou eu proprio, vivo, de boa saúde... Minha boa Carlota!... Mas não vale chorar, porque eu chego... E tu, Roberto, tambem tu me julgavas perdido?...

O commandante abraçou o seu amigo, e em seguida

despedia, com os seus agradecimentos, os bravos servidores, que, levados da sua commoção, tinham entrado na sala com seu amo.

—E Paulino? murmurou, contudo, retirando-se a velha cozinheira da senhora Mérande, que era parenta do fozoso bordalez.

—Paulino nunca esteve tão bom como agora; trouxe-o conmigo, e em breve o verás, Clemencia, fica descansada.

—Cabiste, pois, do céu? tornou o tenente Dubarral. —E de Celeste Imperio, ou cousa que o valha, pelo menos. Não tardará muito que vos conte isso, quando estivermos á mesa, porque vamos todos jantar juntos, não é assim?... e d'aqui a pouco, sem duvida, Carlota? Tenho uma fome... de aeronauta.

—Mas explicação... disse Carlota, depois de um novo e longo abraço quasi sobre os joelhos da mãe.

—Não ignores, de certo, como foi que desci sobre Paris, ás tres horas?

—O sr. Dubarral, no momento em que entraste, contava-nos a descida do aerostato, mas não sabiamos quem era o francez que elle trazia.

—Em mesmo o ignorava, e não ousava dizer á senhora Mérande que esse francez era um official, recendo d'esse modo suggerir-lhe a aproximação que instinctivamente fizera entre ti e o official que chegava do Oriente.

—Pobre mãe! Agora concebo melhor o abalo muito rapido que o meu regresso vos causou. Produziu tamanha sensação a minha descida na praça da Concordia que eu estava persuadido de que a noticia da minha volta chegaria aqui antes de mim.

—Estive quasi para aprender á minha custa quanto é apremente e commovente a curiosidade parisiense, pois, se não fiquei meio abafado pelos basbaques reunidos na praça da Concordia, devo-o aos agentes da policia, que me escoltaram e protegeram até ao ministerio da marinha.

—Lá, dei-me a conhecer, pedindo avistar-me com o ministro, mas este estava ausente. Recbeu-me com espan-

to o chefe do gabinete, que resolveu provenir o ministro pelo telegrapho para Rambouillet, onde está com o Presidente.

«N'uma palavra, só ás cinco horas é que obtive resposta do ministro, que me permittiu vir jantar convosco, e me avison que estivesse esta mesma noite, depois do jantar, no ministerio; poderemos ainda acabar a noite juntos, depois d'essa entrevista.

—São quasi seis horas! Carlota, diz a Clementina que mande o jantar para a mesa o mais depressa que fór possível. E, enquanto se puzer a mesa, teu irmão poderá mudar de fato.

«Está tudo prompto no teu quarto, meu filho, acrescentou a sr.^a Mérande, olhando com muita ternura para seu filho, porque, ainda que receassemos não te tornar a ver, nunca deixámos de te esperar todos os dias, depois d'esses horribes acontecimentos.

Passada meia hora, Paulo Mérande do grande uniforme, estava sentado á mesa, defronte de Roberto Dubarral, entre sua mãe e sua irmã.

Tanto para não causar abalo aos seus, como para abreviar, foi muito parco na descripção do ataque da missão e do seu captivo. Fez apenas allusões vagas ao papel que representava

Logo á entrada no gabinete do ministro, Mérande ficou nos braços do almirante Videau:

—Ah! meu querido filho, quanto folgo de vos ver! Julgávamos que vos tínhamos perdido. Que alegria não teríeis sentido vossa mãe e vossa irmã! Vindes de casa, não é assim?

«Vou apresentar-vos. Meus senhores, desculpe-se a minha commoção, é quasi um filho que torno a ver.

«Mérande, este é o sr. Martin-Nadal, presidente do conselho, e este o general Acquinny, ministro da guerra. Quizeram assistir á nossa conferencia, e ser dos primeiros a ouvir o que tendes a dizer-nos. Eu estava ausente quando cá viesdes esta tarde. Mérande incli-

—Sim, é, disse Mérande. D'aqui a pouco vos falarei d'elle. Continuo a minha narração.

«Timour havia alimentado a illusão de nos ligar a elle. Cumpro-me reconhecer que não desprezou nenhuma sedução; mas, se com essa esperanza nos poupor por longo tempo, apesar das sollicitações e até de uma sublevação dos lamas, que o coram, e sem cessar reclamavam que nos dessem a morte, tor-nos-la, enfim, sacrificado, por despeito, ao seu odio, se não tivéssemos podido fugir.

«Éramos prisioneiros guardados por demasiada vigilancia, e muito faltos de recursos para tentar evadir-nos durante toda a primeira parte do nosso captivo.

«Em Samarkande, onde nos tinham, por fim, conduzido e encerrado n'um annexo do palacio e da cidadella, encontrei, por um acaso verdadeiramente providencial, influencias que nos serviram. Em primeiro lugar, a propria filha de Timour, que eu tinha salvo sem a conhecer n'uma tormenta de neve no decurso da primeira parte da nossa missão. Essa donzella guardara da nossa intervenção um reconhecimento profundo: ajudou a salvar-nos tanto quanto pôde.

«Em segundo lugar, a nossa collaboradora Nadia Kovaleska, levada por um pensamento heroico, que a principio desconhecemos, dedicou-se para obter de Timour a salvaguarda das nossas vidas, e persuadiu-lhe que abraçava a sua causa.

«Acreditei primeiramente n'uma verdadeira traição, o que lamento; pois tive de reconhecer, e Nadia me provou depois, a grandeza do seu sacrificio, como não tardarei a expôr-vos, quando vos referir por miúdo o que sei da marcha da invasão.

«Mas é sobretudo a um modesto servidor, cuja heroidade é superior a todo elogio, que devemos a nossa salvação e o nosso livramento. E para esse bravo parinheiro, que tomo a liberdade de invocar muito especialmente a vossa benevolencia, com a certeza antecipada de que reconhecereis tudo o que duvemos, tudo o que a França, creio, e a Europa, deverão sem duvida a Paulino Mérae.

«Desde o começo do nosso captivo, elle fora separado de nos. Quiz o acaso que Paulino pudesse ir servir um miseravel aventureiro europeu encarregado por Timour de guiar e dirigir a sua frota de acrostatos, porque o nove Tamerlan possuiu como os nossos exercitos europeus, todos os engenhos aperfeiçoados.

«Em Samarkande, onde essa frota estava reunida, Paulino Mérae soube que lá estávamos. Fez esforços sobrehumanos para communicar conosco e salvar-nos, arriscando com vezes a sua vida.

«Buscou os meios de podermos fugir, e conduziu-nos enfim a um dos acrostatos que havia preparado para a nossa evasão. A elle é que a devemos.

«Esse Paulino Mérae é um bravo, asseguro-vos que será grandemente recompensado, não é assim, meus senhores? acrescentou o presidente do conselho, olhando para os seus collegas.

«Mas, tornou Mérande, na vespera da nossa fuga, Nadia, para me provar o seu desinteresse, do qual eu duvidava (porque indícios, que omitto, me tinham levado a crer que ella era mulher de Timour), fez-me assistir, escondido, a um grande conselho, no qual a marcha da invasão fora determinada e assente. Ouvi somente as ultimas palavras de Timour, mas bastaram-me para comprehender o seu plano. E' esse plano que eu vos trago. As minhas informações não de sem duvida suggerir-vos modificações nas providencias em globo já adoptadas. Mas permittimo-me que vos indique o papel decisivo, que me parece reservado á nossa frota de acrostatos.

Mérande aproximou-se então da grande mesa do ministro, em que estava estendido um mappa do Oriente. Os ministros orgueram-se e accearam-se d'elle.

—Dizei o que sabeis, disse o ministro da guerra, e não receeis ser extenso. Mas eu preciso tomar um apontamento, que nos ha de servir no conselho de ministros para adoptar novas disposições.

—Já lancei n'algumas folhas de papel os dados mais essenciaes; vou completar isso quanto antes.

Mérande indicou então profusamente aos seus attentos auditores a marcha que iam fazer os exercitos amarellos, tal como a tinha ouvido expor pela boca do seu chefe supremo. Traçava com o dedo do Samarkande ao Bosphoro o impeto irresistivel d'essa enorme multidão de homens, que se precipitava para o Occidente. Mostrou depois ao norte do mar Negro, nas estepas, o vendaval de cavalheiros que as espingardas russas ainda não tinham podido deter, o que ia sem duvida desviar-se sobre a península dos Balkans para auxiliar o ataque de Constantinopla.

«Todo o esforço de Timour converge sobre Constantinopla, como outr'ora o dos turcos. Constantinopla exerce sempre a mesma fascinação sobre os orientaes. Causa extraordinaria!

«Timour teria podido seguir com as suas multidões os caminhos abertos pelos seus cavalheiros nas planicies da Russia. Teria vasto campo adiante de si. Mas não, invade a Asia Menor, imagina lançar uma ponte colossal sobre o Bosphoro. Quer sem duvida ser de novo coroado em Constantinopla, porque tem o sentimento e o amor do grandioso. Possui o condão de arrastar as multidões. E' também sonhador e magestoso. E, depois, tem fé no destino, e as suas combinações são golpes certos.



MÉRANDE ESTAVA SENTADO MESMO EM FRENTE DE ROBERTO

ra Kanyadjé e ao destino de Nadia; mas, em compensação, alargou-se bastante sobre a intervenção providencial de Paulino, e na sua evasão dramática.

Tambem essa parte da sua narrativa, era a que na occasião interessava mais os auditores. Havia já muito tempo que se tinha tomado o café, e ainda o escutavam, quando Mérande se viu na necessidade de lembrar que esperavam por elle no ministerio, e que era tempo de partir.

II

NO MINISTERIO

Na rua Royale, Mérande não precisou de ser annuciado para ser introduzido. Era esperado, e todo o pessoal menor do ministerio estava nos corredores, impaciente por ver o official que voltava da mysteriosa Asia. Além d'isso, fora dada ordem para ninguém mais entrar.

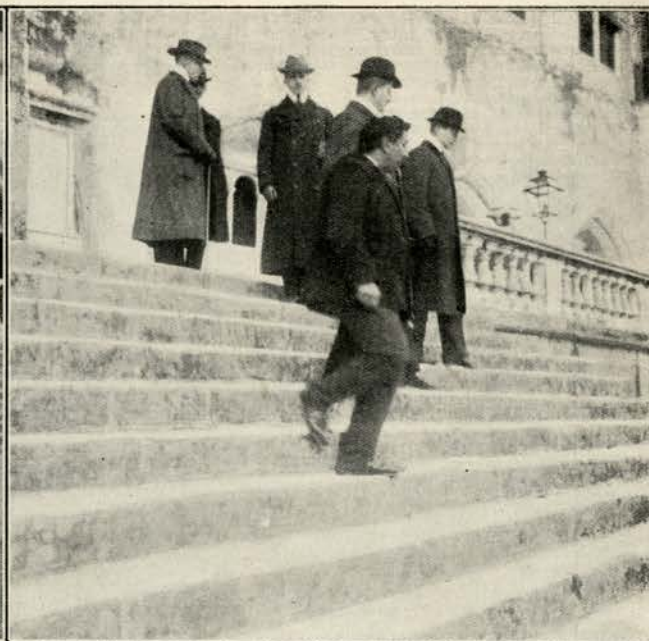
Mérande sentou-se, e, sem mais preambulos oratorios, referiu singelamente, a largos traços, os acontecimentos em que fora envolvido.

—Não ignoreis, disse elle antes de mais nada, como a missão internacional do Occidente foi surprehendida pelas guardas avançadas do exercito amarello, e em parte trucidada junto do lago Ebi-nor?

—A embaixada russa transmittiu-nos em tempo essas noticias. Soubemos que vos tinham levado com alguns sobreviventes d'essa missão; mas como, a partir d'esse momento, nunca mais houve noticias vossas, receámos que tambem houvesseis sido assassinados.

—Fomos, com effeito, poucados pelas tropas regulares de Timour, e conduzidos á presença d'elle. Conhecia-nos quasi todos, pois deveis saber agora quem é esse tal Timour, actualmente chefe da invasão.

—Pouco mais ou menos, disse o ministro. Esteve ao serviço da Russia, e ultimamente era governador do Kan-su. Parece ser um homem de valor.



SS. AA. os príncipes Conrado e Jorge na carruagem—SS. AA. os príncipes Conrado, Jorge e Henrique descendo a escadaria do paço com o seu sequito

OS PRINCIPES DA BAVIERA EM CINTRA

CHRONICA ELEGANTE

A época actual é incontestavelmente a mais própria de todo o anno para exhibições luxuosas, elegantes e artisticas: estes mezes da verdadeira *season* d'inverno são animadíssimos, com as tardes luminosas e frias como o gelo crystallino, com as noites tépidas e perfumadas no ambiente das salas de espectáculo e dos esplendidos, mas raros, salões que se abrem para *soirées* e bailes.

O theatro de S. Carlos tão elegante e entusiasmaticamente concorrido tem o absorvente condão de não deixar livres senão raras noites e assim se explica a escassez de recepções e festas nocturnas na sociedade que se diverte e que entre nós não é bastante numerosa para poder preencher theatros e sarats.

Esperemos que o proximo carnavaal proporcione occasião para se reallizarem alguns sumptuosos bailes como d'antes havia e que a moderna geração só por tradição conhece.

No meio do esplendor das festas de noite e das brillhantes *toilettes* que n'ellas apparecem, consteladas de todas as fulgurantes inventadas pela moda, figuram como indispensavel as joias,



Fig. 1

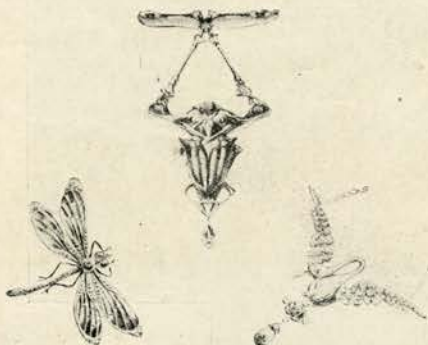


Fig. 2

esse precioso ornamento feminino, que em todas as eras e em todos os povos, remotos e modernos, tem sido e será sempre querido e preferido pelo bello sexo.

Actualmente as joias não comprehendem sómente o adorno pessoal de brinços, broches, pulseiras, etc. Hoje classifica-se como *bijou* toda a série de objectos de uso elegante: leques, *baguans*, binoculos, *bombonnières*, *agrafes* e fivelas, abotoadores de luvas, escovas, pentes, caixas de toucador, frascos de sacs, castões de sombrinhas, etc.

Nos objectos de uso, bem conhecidos, a industria e a arte alliam-se da forma mais encantadora.

Uma das joias em que mais se exerce a phantasia do joalheiro é o *pendentif*, que figura hoje em todos os *serins* sumptuosos.

As flores, os animais, são por vezes o assumpto escolhido e tão bem aproveitado que ninguem ousa recor-dar-se de flores, estrellas, arabescos gregos e outras banalidades que eram o thema unico das joias d'outros tempos. Como pedrarias tem sempre os brillhantes o primeiro logar, sózinhos ou misturados com saphyras, rubis e esmeraldas; mas acima de tudo ha actualmente um verdadeiro furôr pelas perolas, que se ostentam hoje como opulento acompanhamento das mais brillhantes *toilettes* de noite e que offercem a vantagem de ser adoptadas em todas as edades.

As perolas irregulares são caprichosamente aproveitadas pelos joalheiros artistas e os esmaltes, cravejados de pedras, prestam-se admiravelmente aos mais originaes e excéntricos feitos.

Fig. 1—*Toilette* de noite em setim mousseline branco, bordado Luiz XV a *paillettes* e *rococo*. Chapéu tricorno ornado de plumas brancas. Collar com *pendentif* de perolas.

Fig. 2—Borboleta de esmalte e pedras preciosas. *Pendentif* de esmalte com grande esmeralda pendente. *Pendentif* com um *cysne* formado por uma só perola irregular.

Fig. 3—*Toilette* de visitas em *velours souple* preto, guarnecida de rendas e tiras de *vison*. *Écharpe* de tullo branco. *Chapeau portrait* com grandes plumas pretas.



Fig. 3